

Transformações Demográficas e Produtivas na Quarta Colônia - RS: Desafios para a Agricultura Familiar e a Sustentabilidade Territorial

Demographic and Productive Transformations in Quarta Colônia (RS): Challenges for Family Farming and Territorial Sustainability

Aline Prestes Roque

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Farroupilha, São Borja, RS, BR

José Marcos Froehlich

Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria, RS, BR

GT 05: Agricultura familiar, ruralidades e relações de gênero no meio rural

Resumo: O espaço rural brasileiro tem passado por intensas transformações nas últimas décadas, marcadas por mudanças demográficas, reestruturação produtiva e redefinição das formas de uso da terra. Nesse contexto, o presente artigo analisa as transformações demográficas e produtivas no território da Quarta Colônia, localizado na região central do Rio Grande do Sul (RS), buscando compreender como o envelhecimento populacional, o êxodo rural e as transformações nas atividades agrícolas impactam a sustentabilidade territorial e a reprodução da agricultura familiar. Metodologicamente, o estudo baseia-se em pesquisa bibliográfica e análise de dados secundários, especialmente informações censitárias e socioeconômicas disponibilizadas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Os resultados indicam um processo contínuo de redução da população rural, acompanhado pelo envelhecimento demográfico e pela diminuição da presença de jovens no campo. Paralelamente, observa-se a expansão de commodities agrícolas, especialmente a soja, que tem promovido mudanças no uso da terra e na estrutura produtiva regional. Embora a agricultura familiar ainda predomine em número de estabelecimentos, essas transformações colocam desafios à sucessão rural e à reprodução social das famílias agricultoras. Conclui-se que a sustentabilidade do território depende da articulação de políticas públicas e estratégias de desenvolvimento territorial capazes de fortalecer a agricultura familiar, diversificar as atividades econômicas e valorizar os recursos territoriais.

Palavras-chave: Êxodo rural, agronegócio; desenvolvimento territorial.

Abstract: Brazilian rural areas have undergone significant transformations in recent decades, marked by demographic changes, productive restructuring, and shifts in land use patterns. In this context, this article analyzes demographic and productive transformations in the territory of Quarta Colônia, located in the central region of Rio Grande do Sul (RS), Brazil, seeking to understand their impacts on the sustainability of family farming. Methodologically, the study is based on bibliographic research and the analysis of secondary data, particularly census and socioeconomic information provided by the Brazilian Institute of Geography and Statistics (IBGE). The results indicate a continuous decline in the rural population, accompanied by demographic aging and a decreasing presence of young people in rural areas. At the same time, the expansion of agricultural commodities, especially soybeans, has promoted changes in land use and in the regional productive structure. Although family farming still predominates in terms of the number of establishments, these transformations pose challenges to rural succession and to the social reproduction of farming families. The study concludes that the sustainability of the territory depends on the articulation of public policies and territorial development strategies capable of strengthening family farming, diversifying economic activities, and enhancing territorial resources.

Keywords: Rural exodus, agribusiness, territorial development.

1.Introdução

A formação histórica do Brasil caracteriza-se por uma estrutura agrária profundamente desigual, responsável pela manutenção de disparidades sociais, econômicas e produtivas. Como destacam Grisa *et al.* (2022, p. 23), essa configuração histórica “reproduz grande desigualdade nos espaços rurais e urbanos”. Nesse contexto, destacam-se diferentes projetos de desenvolvimento para o campo, frequentemente associados à agricultura familiar e ao agronegócio. Nos territórios, contudo, essa oposição não se manifesta de forma simples ou

homogênea, pois as relações podem envolver coexistência, interdependência e conflitos entre distintos atores sociais.

Historicamente, muitas unidades familiares organizaram sua produção com base em estratégias de subsistência, nas quais parte significativa dos alimentos era destinada ao autoconsumo e os excedentes comercializados em mercados locais. Essas práticas produtivas estão associadas a modos de vida tradicionais e a pequenas unidades de produção, nas quais trabalho, família e território se articulam de forma estreita.

Nesse contexto, a agricultura familiar caracteriza-se pela diversidade de formas de produção e de inserção nos sistemas alimentares, podendo integrar tanto sistemas convencionais quanto sistemas alternativos associados a práticas tradicionais. Nas últimas décadas, observa-se crescente valorização de produções vinculadas à qualidade diferenciada, à diversidade de alimentos locais e a práticas sustentáveis, frequentemente associadas a circuitos curtos de comercialização. Dessa forma, a agricultura familiar passa a se articular a novas dinâmicas econômicas nos territórios rurais, como mercados de proximidade, valorização de produtos locais e atividades de turismo rural (Gazolla; Schneider, 2017).

Essa abordagem destaca a importância da valorização dos recursos locais e da articulação entre atores sociais no desenvolvimento territorial, expressa na noção de sistemas alimentares territorializados (SAT), entendidos como arranjos baseados nas interações entre produção, distribuição e consumo em territórios específicos (Silva-Pérez; González-Romero, 2022).

Paralelamente à diversidade produtiva da agricultura familiar, consolidou-se no Brasil, a partir da segunda metade do século XX, um modelo agrícola vinculado ao agronegócio. Associado a sistemas alimentares industriais e globalizados, esse modelo baseia-se na produção em larga escala e na integração com cadeias agroindustriais. Seu fortalecimento ocorreu nas décadas de 1970 e 1980, com a formação dos complexos agroindustriais e a modernização da agricultura, intensificando-se a partir dos anos 2000 com o boom internacional das commodities agrícolas (Pompeia, 2021; Bühler; Guibert; Oliveira, 2016).

Nesse contexto, o agronegócio passou a englobar diferentes formas de agricultura empresarial, geralmente associadas a grandes propriedades e a cadeias produtivas voltadas ao mercado internacional. Predominam sistemas extensivos ou intensivos em insumos químicos, baseados na produção de commodities como soja, milho, cana-de-açúcar, algodão e carnes. Inserido em circuitos longos de produção e consumo, esse modelo prioriza a produção em larga escala e a inserção nos mercados globais (Delgado, 2012).

A expansão dessas cadeias produtivas tem provocado profundas transformações nos territórios rurais brasileiros. Áreas antes ocupadas por pastagens, vegetação nativa ou sistemas agrícolas diversificados vêm sendo convertidas em extensos monocultivos, especialmente de soja (Grisa *et al.*, 2022).

Nesse contexto, torna-se relevante analisar como essas mudanças se manifestam em escala territorial, particularmente em regiões historicamente marcadas pela agricultura familiar e por sistemas produtivos diversificados. É o caso da Quarta Colônia, localizada no estado do RS, composta por nove municípios associados ao Consórcio de Desenvolvimento Sustentável da Quarta Colônia (CONDESUS). Nos últimos anos, a expansão de culturas voltadas ao agronegócio, especialmente a soja, tem alterado as dinâmicas produtivas e a paisagem agrícola regional, além de estar associada a processos como êxodo rural, envelhecimento populacional e redução da presença de jovens no campo.

Diante desse cenário, compreender as transformações demográficas e produtivas do território torna-se fundamental para discutir os desafios à sustentabilidade dos espaços rurais. Assim, o presente artigo tem como objetivo analisar as dinâmicas demográficas e produtivas da Quarta Colônia, com ênfase no espaço rural, buscando compreender como processos como envelhecimento populacional, êxodo rural e mudanças nas atividades agrícolas impactam a sustentabilidade territorial e a reprodução da agricultura familiar.

Para atingir esse objetivo, adotou-se uma abordagem metodológica de caráter descritivo e exploratório, baseada em pesquisa bibliográfica e na análise de dados secundários. As principais fontes utilizadas foram os dados censitários e as estimativas populacionais disponibilizados pelo IBGE, referentes aos anos de 2000, 2010 e 2022.

2. Formação territorial e transformações no uso da terra

A Quarta Colônia abrange uma área de aproximadamente 2.923 km² e é composta por nove municípios: Agudo, Dona Francisca, Faxinal do Soturno, Ivorá, Nova Palma, Pinhal Grande, Restinga Sêca, São João do Polêsine e Silveira Martins. A população estimada é de 56.758 habitantes, dos quais 41,36% (23.465 pessoas) residem na zona rural, evidenciando a forte presença do espaço rural na composição demográfica regional (IBGE, 2022).

A Figura 1 apresenta a localização geográfica da Quarta Colônia, situando-a no contexto territorial do RS e evidenciando sua distribuição municipal.

Figura 1: Localização Geográfica da Quarta Colônia



Fonte: Elaboração dos autores (2026).

A configuração geográfica da Quarta Colônia é marcada por vales, várzeas e áreas de campo, situadas na transição entre o Planalto Meridional e a Depressão Central do RS. O território apresenta significativa diversidade ambiental, resultante da interação entre os biomas Mata Atlântica e Pampa, com predominância de remanescentes de Floresta Estacional Decidual¹.

Do ponto de vista geológico e geomorfológico, parte da microrregião é formada por derrames de rochas ígneas da Formação Serra Geral, do Cretáceo Inferior, com rochas ácidas nas áreas mais elevadas e básicas nas encostas mais íngremes, características que condicionam o relevo e influenciam o uso e a ocupação do território.

Em termos pedológicos, os solos apresentam, em geral, textura argilosa e boa drenagem, mas são suscetíveis à escassez hídrica no verão e à erosão, fatores que podem comprometer a fertilidade natural e aumentar a dependência de insumos químicos. Por outro lado, algumas áreas apresentam condições favoráveis para culturas específicas, como a rizicultura nas várzeas do rio Jacuí e de seus afluentes (Pedron *et al.*, 2006).

¹A Floresta Estacional Decidual - formação da Mata Atlântica sujeita a estações seca e chuvosa. Antigamente predominava, mas hoje subsiste apenas em fragmentos: capões sobre encostas, matas ciliares do rio Jacuí e parcelas submontanas entre 100 e 600 m, com dossel de 20–30 m. Esses remanescentes abrigam espécies indicadoras como *Cedrela fissilis*, *Handroanthus heptaphyllus*, *Luehea divaricata*, *Nectandra megapotamica*, *Peltophorum dubium* e cipós do gênero *Bignonia*.

O processo de ocupação da Quarta Colônia ocorreu, em grande medida, sem considerar plenamente esses condicionantes naturais, resultando no estabelecimento de unidades produtivas em áreas de relevo acidentado, com solos pedregosos ou baixa disponibilidade hídrica, o que historicamente limitou o desenvolvimento territorial, sobretudo quanto à logística e ao escoamento da produção agrícola (Pedron *et al.*, 2006).

A formação histórica da região está associada principalmente à quarta leva de imigrantes italianos que chegaram ao RS no final do século XIX. A microrregião também abriga descendentes de alemães, portugueses e afrodescendentes, formando um mosaico sociocultural expresso na paisagem, nas práticas produtivas e nas manifestações culturais locais.

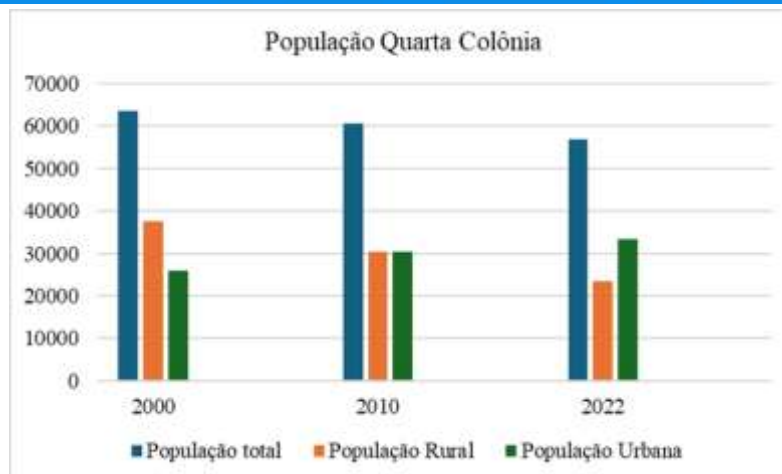
Essas condições ambientais, associadas ao processo de colonização, contribuíram para uma estrutura agrária marcada pela predominância de pequenas propriedades rurais e por uma identidade territorial multiétnica vinculada ao espaço rural. Nesse contexto, predominam atividades agrícolas e pecuárias desenvolvidas em unidades familiares, historicamente centrais para a organização econômica e social da microrregião.

Nas últimas décadas, essas atividades passaram a enfrentar desafios como a modernização agrícola, o êxodo rural e, mais recentemente, eventos climáticos extremos, que têm impactado a dinâmica produtiva regional e provocado mudanças na organização do trabalho e no uso da terra. Ainda assim, a agricultura familiar continua desempenhando papel relevante nas dinâmicas socioeconômicas locais.

Paralelamente, a Quarta Colônia tem buscado valorizar sua identidade territorial e seus recursos naturais e culturais, com o fortalecimento do setor agroalimentar, das agroindústrias familiares e de atividades ligadas ao turismo de base territorial, como o turismo rural, de natureza e a gastronomia de influência italiana. Ao mesmo tempo, observa-se a expansão de commodities agrícolas, especialmente arroz e soja, que passaram a ocupar parcela crescente do uso da terra.

Essas transformações produtivas também se refletem nas dinâmicas demográficas do território. Dados do IBGE (2000, 2010 e 2022) indicam redução da população da Quarta Colônia, que passou de 63.446 habitantes em 2000 para 56.758 em 2022 (-10,68%). A queda é mais acentuada no espaço rural, cuja população diminuiu de 37.487 para 23.465 habitantes (-37,41%). Como resultado, a participação da população rural caiu de 59,1% em 2000 para 41,3% em 2022 (Figura 2). Atualmente, apenas Ivorá e Silveira Martins mantêm maioria da população residente na zona rural.

Figura 2: População Total, Urbana e Rural da Quarta Colônia (2000, 2010, 2022)



Fonte: Elaboração dos autores (2026), a partir de dados do IBGE (2000, 2010, 2022).

Nesse sentido, torna-se relevante aprofundar a análise das mudanças recentes na estrutura populacional e de suas implicações para o espaço rural. A seção seguinte examina a dinâmica demográfica da microrregião e suas relações com as transformações no rural.

3. Dinâmica demográfica e transformações no espaço rural

Os dados indicam que, embora o território mantenha uma base agrícola sólida, seu dinamismo recente está mais associado à expansão das commodities e ao aumento da produtividade do que ao crescimento populacional, que segue em declínio. Entre 2000 e 2022, a Quarta Colônia perdeu 6.688 habitantes. No espaço rural, a redução foi ainda mais acentuada: a população passou de 37.487 para 23.465 habitantes, uma queda de 14.023 pessoas (-37,31%) (Quadro 1).

Entre os municípios da Quarta Colônia, Faxinal do Soturno apresentou o menor recuo da população total (-2,03%). Ainda assim, houve forte redução da população rural, cuja participação caiu de 53,93% em 2000 para 26,26% em 2022. Situação semelhante ocorre em São João do Polêsine, onde a população total diminuiu -3,50%, acompanhada de queda da população rural de 59,2% para 38,32%.

As maiores retrações da população rural ocorreram em Dona Francisca (-53,58%), Faxinal do Soturno (-52,32%) e Pinhal Grande (-44,23%). Já as maiores reduções da população total foram registradas em Ivorá (-22,68%), Silveira Martins (-21,12%) e Dona Francisca (-21,09%), evidenciando os efeitos do êxodo rural e da migração para centros urbanos regionais. Em termos absolutos, as maiores perdas ocorreram em Restinga Sêca (-1.461 habitantes) e Agudo (-1.414 habitantes).



Quadro 1: Dinâmica Demográfica da Quarta Colônia (2000, 2010 e 2022)

Município	Agudo	Dona Francisca	Faxinal do Soturno	Ivorá	Nova Palma	Pinhal Grande	Restinga Sêca	São João do Polêsine	Silveira Martins	Total Quarta Colônia
Total 2000	17455	3902	6841	2495	6312	4725	16400	2745	2571	63.446
Total 2010	16722	3401	6672	2156	6342	4471	15849	2635	2449	60.697
Total 2022	16041	3079	6702	1929	5586	3805	14939	2649	2028	56.758
Variação Total (n°)	-1414	-823	-139	-566	-726	-920	-1461	-96	-543	-6.688
Variação Total (%)	-8,10	-21,09	-2,03	-22,68	-11,50	-19,48	-8,91	-3,50	-21,12	-10,68
Rural 2000	11700	2224	3691	1796	3219	2976	8692	1620	1569	37.487
Rural 2010	9833	1255	2497	1451	3259	2576	6867	1281	1358	30.377
Rural 2022	7849	1032	1760	1199	2117	1660	5782	1015	1050	23.465
Rural 2000 (%)	67,2%	57%	53,93%	72%	51%	63%	53%	59,2%	61%	69%
Rural 2010 (%)	58,80	36,90	37,43	67,30	51,39	57,62	43,33	48,61	55,45	50,05
Rural 2022 (%)	48,93	33,52	26,26	62,16	37,9	43,63	38,7	38,32	51,78	41,34
Variação Rural (n°)	-3851	-1192	-1931	-597	-1102	-1316	-2910	-605	-519	-14.023
Variação Rural (%)	-32,93	-53,58	-52,32	-33,23	-34,23	-44,23	-33,49	-37,35	-33,08	-37,41

Fonte: Elaboração da autora (2026), a partir de dados do IBGE (2000; 2010; 2022).

Cor	Ano
■	2000
■	2010
■	2022

Além da redução populacional, observa-se tendência de baixa natalidade e envelhecimento demográfico. O Índice de Envelhecimento médio da Quarta Colônia é estimado em 189,2, valor muito superior à média nacional, que em 2022 foi de 55,2.

Esse indicador revela que, em diversos municípios da microrregião, a população idosa já supera amplamente a população jovem, evidenciando a intensidade das transformações demográficas em curso. A Tabela 2 apresenta o ordenamento dos municípios da Quarta Colônia segundo o Índice de Envelhecimento.

Tabela 2: Ordenamento dos Municípios da Quarta Colônia Segundo o Índice de Envelhecimento

Ordenamento	Município	Índice de Envelhecimento
1	Ivorá	279,06
2	São João do Polêsine	218,11
3	Silveira Martins	218,44
4	Nova Palma	186,90
5	Pinhal Grande	176,39
6	Faxinal do Soturno	169,31
7	Restinga Sêca	160,05
8	Dona Francisca	157,35
9	Agudo	143,30

Fonte: Elaboração da autora (2026), a partir de dados do Índice de Envelhecimento do IBGE (2022).

Essa tendência de envelhecimento também se reflete na elevação da idade média da população. Enquanto a média nacional é de 35,5 anos, na Quarta Colônia alcança 43,1 anos. Esse valor resulta das idades medianas registradas nos municípios da microrregião: Agudo (41 anos), Dona Francisca (42), Faxinal do Soturno (41), Ivorá (48), Nova Palma (41), Pinhal Grande (44), Restinga Sêca (41), São João do Polêsine (44) e Silveira Martins (46), conforme dados do IBGE (2022).

O envelhecimento populacional mostra-se particularmente acentuado em Ivorá, que apresenta o maior Índice de Envelhecimento da microrregião (279,06). Esse valor indica a existência de quase 280 idosos para cada 100 jovens, evidenciando que a população idosa mais do que dobra a população jovem, o que configura o núcleo mais crítico do envelhecimento demográfico na Quarta Colônia. Situação semelhante, embora menos intensa, é observada em Silveira Martins (218,44) e São João do Polêsine (218,11).

Outros municípios, como Nova Palma (186,90), Pinhal Grande (176,39) e Faxinal do Soturno (169,31), também apresentam índices elevados, indicando que o envelhecimento é uma tendência generalizada na microrregião. Mesmo municípios de maior porte relativo, como Restinga Sêca (160,05) e Agudo (143,30), embora apresentem valores menores, permanecem muito acima da média nacional.

Esse processo se reflete na estrutura etária da população. Observa-se redução expressiva nas faixas mais jovens, especialmente entre 0 e 9 anos (-31,6%), 10 e 19 anos (-50,0%) e 20 e

34 anos (-37,2%). Em contrapartida, ampliam-se os grupos etários mais avançados, com destaque para as faixas de 65 a 74 anos (+22,7%) e de 75 a 99 anos (+14,8%) (Quadro 2).

As faixas etárias associadas à força de trabalho também registraram reduções expressivas: 20-34 anos (-37,2%), 35-44 anos (-24,8%) e 45-54 anos (-30,0%). Apenas o grupo de 55-64 anos manteve-se relativamente estável (-1,8%), sugerindo a permanência de adultos mais velhos no espaço rural, enquanto os jovens migram para centros urbanos.

No município de Ivorá, entre 2000 e 2022, as faixas etárias de 65-74 e 75-99 anos cresceram 35,2% e 75,4%, respectivamente, os maiores aumentos da microrregião. Em contraste, as faixas de 0-9 (-36,6%) e 10-19 anos (-58,7%) apresentaram quedas expressivas, evidenciando baixa renovação geracional e saída de jovens. Esse quadro demográfico refletiu-se na estrutura socioeconômica local. Dados do Censo Agropecuário (2017) indicam que, dos 452 estabelecimentos rurais do município, 230 tinham na aposentadoria a principal fonte de renda, ou seja, mais da metade dos produtores dependia de benefícios previdenciários. Diante do avanço do envelhecimento populacional na última década, é provável que essa dependência tenha se intensificado, reforçando o papel da população idosa na manutenção das unidades produtivas (IBGE, 2017).

Outros municípios da Quarta Colônia apresentam tendências semelhantes, com variações locais. Restinga Sêca, que possui a maior população da microrregião, registrou reduções nas faixas em idade produtiva: 10-19 (-45,3%), 20-34 (-20,3%), 35-44 (-22,6%) e 45-54 (-27,9%), além de queda entre idosos de 75-99 anos (-25,1%), destoando parcialmente do padrão regional. Em Agudo, observa-se envelhecimento com retenção da população mais velha, evidenciado pelo crescimento das faixas de 55-64 (+8,3%), 65-74 (+23,6%) e 75-99 (+12,6%), enquanto a população jovem (10-19) diminuiu significativamente (-44,9%).

Em Nova Palma, verifica-se leve declínio na faixa de 65-74 anos (-4,3%), acompanhado de crescimento expressivo entre os mais idosos (75-99: +45,5%). Já em Silveira Martins, a faixa de 35-44 anos foi a única a registrar aumento (+2,7%), enquanto as faixas mais jovens e parte da população idosa apresentaram retração. Municípios como Dona Francisca e Faxinal do Soturno registraram perdas acentuadas entre jovens e adultos jovens, especialmente nas faixas de 10-19 (-55,6% e -58,7%) e 20-34 anos (-21,3% e -43,5%), reforçando a tendência de migração dos jovens e a consequente redução da força de trabalho local.



Quadro 2: Estrutura Etária Rural da Quarta Colônia (2000, 2010 e 2022)

Município	Agudo	Dona Francisca	Faxinal do Soturno	Ivorá	Nova Palma	Pinhal Grande	Restinga Sêca	São João do Polêsine	Silveira Martins	Total Quarta Colônia
Faixa Etária 0-9 anos 2010	1122	130	284	145	237	307	742	109	107	3.183
Faixa Etária 0-9 anos 2022	753	92	144	92	188	152	577	101	79	2178
Variação (n°)	-369	-38	-140	-53	-49	-155	-165	-8	-28	-1005
Variação (%)	-32,9	-29,2	-49,3	-36,6	-20,7	-50,5	-22,2	-7,3	-26,2	-31,6
Faixa Etária 10-19 anos 2010	1558	239	407	217	577	503	1093	205	160	4.959
Faixa Etária 10-19 anos 2022	858	106	168	126	211	183	598	69	88	2481
Variação (n°)	-700	-133	-239	-91	-366	-320	-495	-136	-72	-2478
Variação (%)	-44,9	-55,6	-58,7	-41,9	-63,4	-63,6	-45,3	-66,3	-45,0	50,0
Faixa Etária 20-34 anos 2010	2124	230	522	283	633	485	1244	231	228	5.980
Faixa Etária 20-34 anos 2022	1316	181	295	205	389	280	991	171	134	3757
Variação (n°)	-808	-49	-227	-78	-244	-205	-253	-60	-94	-2223
Variação (%)	-38	-21,3	-43,5	-27,6	-38,5	-42,3	-20,3	-26,0	-41,2	-37,2
Faixa Etária 35-44 anos 2010	1431	172	291	163	417	371	931	151	146	4073
Faixa Etária 35-44 anos 2022	1155	123	216	134	260	197	721	105	150	3061
Variação (n°)	-276	-49	-75	-29	-157	-174	-210	-46	+4	-1012
Variação (%)	-19,3	-28,5	-25,8	-17,8	-37,6	-46,9	-22,6	-30,5	+2,7	-24,8
Faixa Etária 45-54 anos – 2010	1376	193	363	232	433	375	1063	172	184	4394
Faixa Etária 45-54 anos – 2022	1238	142	242	154	271	253	766	102	110	3076
Variação (n°)	-138	-51	-121	-78	-162	-122	-297	-70	-74	-1318
Variação (%)	-10,0	-26,4	-33,3	-33,6	-37,4	-32,5	-27,9	-40,7	-40,2	-30,0
Faixa Etária 55-64 anos – 2010	1107	147	301	214	364	289	884	182	204	3682
Município	Agudo	Dona Francisca	Faxinal do Soturno	Ivorá	Nova Palma	Pinhal Grande	Restinga Sêca	São João do Polêsine	Silveira Martins	Total Quarta Colônia



Faixa Etária 55-64 anos – 2022	1199	197	278	194	330	297	948	171	200	3617
Variação (n°)	+92	+50	-23	-20	-34	+8	+64	-11	-4	-65
Variação (%)	+8,3	+34,0	-7,6	-9,3	-9,3	+2,8	+7,2	-6,0	-2,0	-1,8
Faixa Etária 65-74 – 2010	669	79	178	128	255	153	572	124	168	2326
Faixa Etária 65-74 – 2022	827	125	231	173	244	192	729	180	154	2855
Variação (n°)	+158	+46	+53	+45	-11	+39	+157	+56	-14	+529
Variação (%)	+23,6	+58,2	+29,8	+35,2	-4,3	+25,5	+27,4	+45,2	-8,3	+22,7
Faixa Etária 75-99 anos – 2010	446	65	151	69	154	94	450	107	122	1658
Faixa Etária 75-99 anos – 2022	502	65	186	121	224	106	337	115	135	1904
Variação (n°)	+56	0	+35	+52	+70	+12	-113	+8	+13	+246
Variação (%)	+12,6	0,0	+23,2	+75,4	+45,5	+12,8	-25,1	+7,5	+10,7	+14,8

Fonte: Elaboração da autora (2026), a partir de dados do IBGE (2000, 2010, 2022).

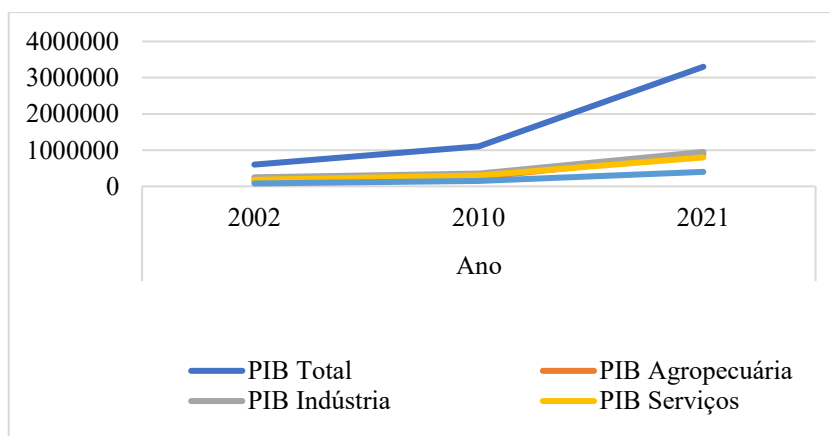
Apesar do declínio populacional observado, especialmente no espaço rural da Quarta Colônia, a análise do Produto Interno Bruto (PIB) permite compreender a evolução recente da estrutura econômica regional. Dados de 2002, 2010 e 2021 indicam crescimento expressivo da microrregião, acompanhado por mudanças na participação dos diferentes setores econômicos. De modo geral, o PIB apresentou trajetória ascendente ao longo do período, com aceleração mais intensa após 2010, quando os setores produtivos passaram a se expandir em ritmo mais elevado (IBGE, 2023a).

Essas transformações apontam mudanças relevantes na dinâmica econômica regional e reforçam a necessidade de examinar com maior detalhe as características socioeconômicas do território. A seção seguinte apresenta essa análise, destacando a composição das atividades econômicas e as dinâmicas produtivas que estruturam a Quarta Colônia.

4. Caracterização socioeconômica do território da Quarta Colônia

Embora todos os setores tenham registrado aumento, destaca-se o crescimento particularmente significativo dos serviços e da agropecuária, que se revelaram os motores mais dinâmicos da economia regional. A Figura 3 apresenta a evolução do PIB total, bem como a distribuição da produção entre os setores agropecuário, industrial, de serviços e de administração pública (IBGE, 2023a).

Figura 5: Evolução do PIB Total da Quarta Colônia – Setores: Agropecuário, Industrial, Serviços e de Administração Pública (2002-2021)



Fonte: Elaboração da autora (2026), com valores em reais, a partir de dados do IBGE (2023a).

O setor industrial também apresentou crescimento expressivo no período analisado, com destaque para o município de Pinhal Grande. Em 2002, o valor adicionado da indústria na microrregião era de R\$ 232,7 milhões, alcançando R\$ 961,4 milhões em 2021. Pinhal Grande concentra grande parte desse crescimento, com valor industrial passando de R\$ 168 milhões

em 2002 para R\$ 654 milhões em 2021, o que eleva a média regional e evidencia a forte concentração dessa atividade no município.

Esse resultado está associado, principalmente, à presença da Usina Hidrelétrica Itaúba, localizada no rio Jacuí, na divisa entre Pinhal Grande e Estrela Velha. Com capacidade instalada de 500 MW, a usina é um dos principais empreendimentos energéticos do centro do RS e exerce impacto direto no valor adicionado industrial do município. Em contraste, municípios menores, como Ivorá, Silveira Martins e São João do Polêsine, apresentam participação industrial reduzida, evidenciando a heterogeneidade econômica da microrregião.

A análise do valor adicionado bruto do setor de serviços também revela crescimento expressivo e desigual entre os municípios. Restinga Sêca apresenta o maior dinamismo do setor, ampliando seus valores de R\$ 31,2 milhões em 2002 para R\$ 206,0 milhões em 2021, um aumento superior a 560%. Em 2021, o município passou a responder por 25,4% de todo o valor adicionado de serviços da microrregião (R\$ 206 milhões de um total de R\$ 810 milhões). Esse desempenho está diretamente relacionado à presença do Recanto Maestro, cuja estrutura educacional, turística e empresarial ampliou a oferta de serviços de hospedagem, alimentação, eventos, consultoria e educação, consolidando Restinga Sêca como o principal polo de serviços da Quarta Colônia.

Cabe destacar que o valor registrado em 2021 tende a subestimar a dinâmica atual do setor, pois o montante de R\$ 206 milhões corresponde ao ano fiscal em que foi inaugurado o Resort Termas Romanas, no final de 2021, passando a operar plenamente apenas em 2022. Assim, é provável que os valores do setor de serviços tenham se ampliado nos anos subsequentes.

Outros municípios com maior população urbana e relativa diversificação econômica também registram crescimento significativo no setor. Agudo ampliou seus valores de R\$ 32,2 milhões para R\$ 195,3 milhões, enquanto Faxinal do Soturno alcançou R\$ 130,3 milhões e Nova Palma R\$ 118,8 milhões em 2021. Esses resultados estão associados à presença de comércio mais estruturado, serviços logísticos e atividades de apoio às cadeias agroindustriais.

Outro segmento relevante é a administração pública, que desempenha papel fundamental nos pequenos municípios. O valor adicionado passou de R\$ 63,8 milhões em 2002 para R\$ 387,3 milhões em 2021, demonstrando sua importância como geradora de empregos estáveis e renda.

A agropecuária constitui a base econômica tradicional da Quarta Colônia e apresentou forte expansão nas últimas duas décadas. O valor adicionado do setor passou de R\$ 152,2

milhões em 2002 para R\$ 926,8 milhões em 2021, crescimento impulsionado principalmente pelas culturas de soja e arroz. Destacam-se os municípios de Restinga Sêca, Agudo e Pinhal Grande, que concentraram os maiores valores em 2021 (R\$ 277,8 milhões, R\$ 201,1 milhões e R\$ 164,3 milhões, respectivamente) favorecidos pela maior disponibilidade de terras agricultáveis, elevado grau de mecanização e integração às cadeias agroindustriais. Nova Palma também apresentou participação relevante, com R\$ 105,6 milhões.

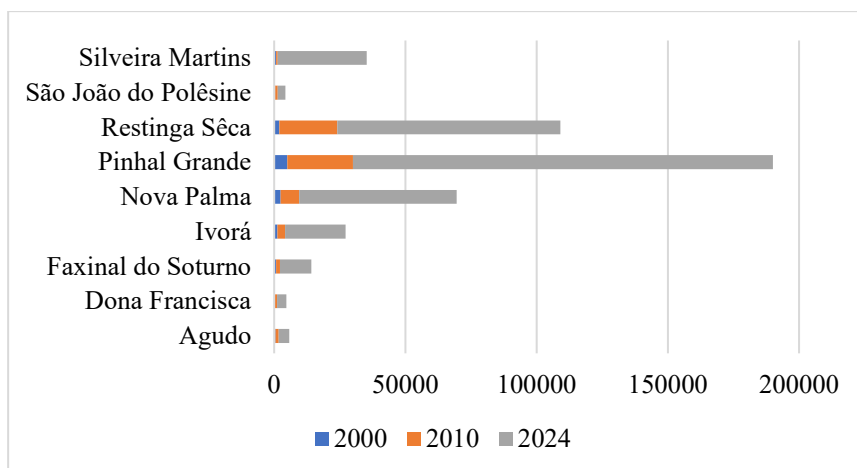
Apesar da expansão recente das commodities, a agricultura familiar mantém grande relevância na microrregião. Segundo o Censo Agropecuário (2017), 90,04% dos estabelecimentos rurais da Quarta Colônia são classificados como familiares, embora haja variações entre os municípios: Dona Francisca apresenta o maior percentual (98,39%), enquanto Restinga Sêca, mesmo com o menor índice, ainda registra participação significativa (76,7%).

Cabe destacar que esses dados referem-se a 2017 e que, desde então, a agricultura familiar tem sido impactada por transformações estruturais associadas ao esvaziamento populacional, à pandemia, a eventos climáticos extremos e à expansão das commodities, fatores que vêm redefinindo o uso da terra e a base produtiva local.

Entre 1985 e 2022, o RS perdeu cerca de 3,5 milhões de hectares de vegetação nativa, aproximadamente 22% de sua cobertura original, enquanto a área cultivada com soja cresceu 366%, promovendo profundas alterações nas paisagens rurais e intensificando a pressão sobre os ecossistemas regionais (MapBiomas, 2022).

Na Quarta Colônia, essa tendência também é evidente. Entre 2010 e 2023, a área cultivada com soja aumentou 91,7%, passando de 38.140 ha para 73.100 ha (FARSUL, 2024). Em Pinhal Grande, o valor da produção passou de R\$ 4,255 milhões em 2000 para R\$ 161,809 milhões em 2024. Em Restinga Sêca, o crescimento foi de R\$ 2,001 milhões para R\$ 85,482 milhões no mesmo período. Mesmo em municípios menores, como Ivorá, observa-se expansão significativa, com aumento de R\$ 347 mil em 2000 para R\$ 22,782 milhões em 2024 (IBGE (2024a) (Figura 4).

Figura 4: Valor de Produção de Soja nos Municípios da Quarta Colônia: Comparação entre 2000, 2010 e 2024



Fonte: Elaboração da autora (2026), com base nos valores da produção de soja (em mil R\$), a partir de dados do IBGE (2024a).

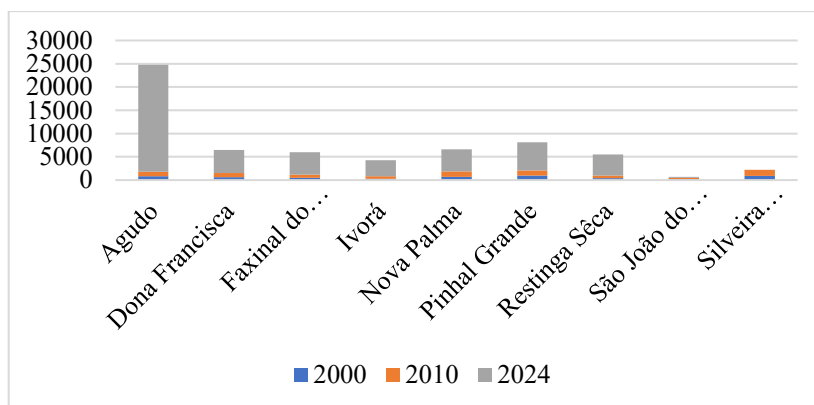
Entretanto, como ressaltam Pedron *et al.* (2006), a geografia da região é marcada por solos com limitações naturais e relevo ondulado, o que exige uso intensivo de insumos químicos para manter níveis elevados de produtividade, especialmente na produção de commodities.

Paralelamente, a produção de arroz, historicamente relevante na microrregião, também apresentou crescimento expressivo. Entre 2010 e 2023, a área cultivada aumentou 22,5%, passando de 23,520 ha para 28,828 ha (FARSUL, 2024).

Em contraste, alguns cultivos tradicionais da microrregião registraram forte redução de área plantada no mesmo período. O milho caiu de 14.550 ha em 2010 para 8.805 ha em 2023 (-39,7%). O fumo também reduziu 39%, passando de 10.894 ha para 6.566 ha. O feijão apresentou a queda mais acentuada, recuando 82,4%, de 4.969 ha para 874 ha. A mandioca diminuiu 37,3% (de 2.088 ha para 1.310 ha) e a batata 76,5%, passando de 1.046 ha para 246 ha (FARSUL, 2024).

Além da produção de grãos, as atividades pecuárias, especialmente a bovinocultura leiteira, também desempenham papel relevante na economia rural da Quarta Colônia. A Figura 5 apresenta a evolução da produção de leite na microrregião. Embora o volume produzido tenha crescido significativamente entre 2000 e 2024, esse aumento ocorreu paralelamente à redução do número de estabelecimentos dedicados à atividade.

Figura 5: Evolução da Produção de Leite na Quarta Colônia (2000-2024)



Fonte: Elaboração da autora (2026), com base em dados do IBGE (2024b), referentes aos valores da produção de leite, expressos em mil reais.

Os dados do Censo Agropecuário (2017) indicam que a produção de leite na Quarta Colônia está cada vez mais concentrada em um número reduzido de agricultores. Embora cerca de 56% dos estabelecimentos rurais da microrregião registrem alguma receita proveniente de animais e derivados, apenas uma parcela menor está integrada de forma intensiva à cadeia leiteira. Assim, o crescimento do valor da produção entre 2000 e 2024 resulta sobretudo da ampliação de escala e da modernização de poucos estabelecimentos, enquanto parte significativa dos agricultores familiares se afasta da atividade.

No período analisado, a maioria dos municípios da Quarta Colônia, com exceção de São João do Polêsine e Silveira Martins, registrou expansão no valor da produção leiteira. Agudo elevou sua produção de R\$ 1,146 milhão para R\$ 6,150 milhões; Dona Francisca passou de R\$ 226 mil para R\$ 2,276 milhões; Faxinal do Soturno cresceu de R\$ 270 mil para R\$ 4,674 milhões; e Ivorá de R\$ 355 mil para R\$ 3,567 milhões. Restinga Sêca também ampliou sua produção, passando de R\$ 834 mil para R\$ 4,920 milhões.

Os maiores avanços ocorreram em Nova Palma e Pinhal Grande, cujos valores passaram de R\$ 878 mil para R\$ 23,739 milhões e de R\$ 605 mil para R\$ 16,999 milhões, respectivamente, indicando forte intensificação da atividade leiteira. Paralelamente, observa-se redução na produção de derivados lácteos, especialmente queijos, associada ao fechamento ou à diminuição das atividades de diversas agroindústrias familiares.

Historicamente, as agroindústrias familiares desempenham papel estratégico no desenvolvimento da Quarta Colônia, ao valorizar recursos locais, fortalecer a identidade territorial e promover a diversificação econômica. Contudo, esses empreendimentos enfrentam entraves estruturais e burocráticos que dificultam sua inserção no mercado formal, especialmente em relação às exigências sanitárias e ambientais (Guimarães, 2011).

Essas limitações refletem-se no baixo número de unidades formalizadas. Em 2006, menos de 10 das cerca de 200 agroindústrias existentes estavam regularizadas (Neuman; Souza, 2006). Nos anos seguintes houve avanços, com 15 agroindústrias formalizadas em 2010 (Copetti, 2010) e 47 em 2022 (SEAPDR, 2022). Ainda assim, a taxa de permanência permanece baixa: apenas 40% das unidades regularizadas em 2010 continuam ativas, o que corresponde a 12,77% do total atual.

O município de Pinhal Grande ilustra essas dificuldades. Segundo dados da EMATER, não há atualmente empreendimentos plenamente legalizados. Três unidades encontram-se em processo de regularização: uma de panificados, uma de produção de ovos e um microabatedouro de bovinos e suínos, evidenciando a complexidade do processo de formalização. Ressalta-se, contudo, que o município já contou com uma agroindústria de leite, indicando experiências produtivas anteriores que não tiveram continuidade.

Além dos entraves burocráticos, o envelhecimento da população rural e as dificuldades de sucessão nas atividades agrícolas configuram desafios adicionais para a sustentabilidade do território. Esses aspectos serão discutidos na próxima seção, que analisa as transformações demográficas e suas implicações para o espaço rural da Quarta Colônia.

5. Transformações demográficas: desafios à sustentabilidade do território

Os dados indicam que o envelhecimento populacional e a evasão das faixas etárias produtivas constituem fenômenos estruturais na Quarta Colônia, resultantes de transformações econômicas, sociais e culturais de longo prazo. Essas mudanças afetam diretamente a organização socioeconômica dos municípios rurais, fragilizando a agricultura familiar, principal forma de uso e ocupação do território. A continuidade desse processo tende a reduzir a disponibilidade de mão de obra e comprometer a sucessão geracional nas unidades produtivas, colocando em risco a própria reprodução social da agricultura familiar.

Esse fenômeno, contudo, não é exclusivo da microrregião nem recente no contexto brasileiro. Estudos demográficos e sociológicos mostram que o país vivencia intensos fluxos migratórios do campo para a cidade desde meados do século XX, especialmente entre as décadas de 1960 e 1980, período marcado pela industrialização, pela modernização agrícola e pela concentração fundiária (Camarano; Abramovay, 1998).

Na Quarta Colônia, esses efeitos manifestam-se com certo atraso temporal. Enquanto o auge da migração rural-urbana ocorreu no Brasil entre os anos 1970 e 1990, regiões baseadas em pequenas propriedades, como a microrregião, passaram a sentir mais tardiamente os

impactos da mecanização agrícola, da retração das economias locais e da ausência de políticas voltadas à permanência da juventude no campo (Froehlich *et al.*, 2011).

A persistência dessas dinâmicas evidencia a necessidade de fortalecer e, sobretudo, adaptar as políticas públicas voltadas à agricultura familiar às realidades territoriais. Mais do que ampliar sua abrangência, é fundamental que considerem desafios como os eventos climáticos extremos e valorizem estratégias historicamente presentes na região, como a agroindustrialização, que pode contribuir para gerar renda e atrair jovens para permanecer ou retornar ao campo.

O estudo de Scapi e Troian (2023) sobre o PRONAF em Nova Palma e Pinhal Grande evidencia limites do programa, que não tem conseguido garantir a permanência dos jovens na atividade agrícola: entre 18 agricultores familiares entrevistados, apenas um relatou que o filho permaneceu no campo após concluir curso técnico. Esses resultados indicam que o êxodo juvenil envolve fatores que vão além do acesso ao crédito, estando também condicionado às condições estruturais do território.

Nos últimos anos, a Quarta Colônia tem enfrentado estiagens e enchentes severas, que comprometem a sustentabilidade econômica das propriedades e dificultam o planejamento produtivo das famílias rurais. Nesse contexto, as agroindústrias familiares assumem papel estratégico ao agregar valor à produção agrícola, fortalecer a identidade territorial e ampliar as oportunidades de geração de renda no espaço rural.

Entre as iniciativas de diversificação econômica do território destaca-se também o turismo rural, favorecido pela proximidade com Santa Maria, município localizado a cerca de 30 km e que concentra 271.735 habitantes (IBGE, 2022). Essa condição amplia o potencial de atração de visitantes interessados em experiências gastronômicas, culturais e ambientais, criando novas oportunidades de valorização do território.

Nesse cenário, o reconhecimento da Quarta Colônia como Geoparque Mundial da UNESCO, em 2023, amplia as perspectivas de desenvolvimento territorial ao associar os recursos geocientíficos ao patrimônio cultural local. Contudo, seus efeitos concretos ainda são limitados, e o principal desafio consiste em transformar esse potencial em ações capazes de gerar impactos econômicos e sociais mais perceptíveis para a população local.

Considerações Finais

A análise das transformações demográficas e produtivas da Quarta Colônia revela profundas mudanças nas últimas décadas. Observa-se redução contínua da população,

especialmente no espaço rural, acompanhada pelo envelhecimento demográfico e pela diminuição da presença de jovens no campo. Esses processos afetam a organização socioeconômica da microrregião, comprometendo a sucessão geracional e a continuidade das atividades agrícolas historicamente estruturadas pela agricultura familiar.

Paralelamente, a base produtiva regional também passou por mudanças relevantes. Embora a agricultura familiar ainda predomine em número de estabelecimentos, a expansão de commodities agrícolas, especialmente a soja, tem alterado o uso da terra e redefinido as dinâmicas econômicas locais. Esse movimento ocorre juntamente com a retração de cultivos tradicionais e a redução do número de agricultores em determinadas atividades, evidenciando transformações estruturais no espaço rural.

Os resultados indicam que políticas públicas voltadas ao fortalecimento da agricultura familiar, embora relevantes, ainda apresentam limites frente aos desafios estruturais do território. Como consequência, ampliam-se os desafios à reprodução social das famílias rurais, marcados pelo envelhecimento populacional, pela redução da população jovem e pelo esvaziamento demográfico do espaço rural. Esses processos colocam em risco a sustentabilidade da agricultura familiar e reforçam a necessidade de políticas e estratégias territoriais capazes de dinamizar a economia local, valorizar os recursos do território e criar condições efetivas para a permanência das novas gerações no campo.

Referências Bibliográfica

- BÜHLER, E.; GUIBERT, M.; OLIVEIRA, V. L. **Agriculturas empresariais e espaços rurais na globalização**: abordagens a partir da América do Sul. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2016.
- CAMARANO, A. A.; ABRAMOVAY, R. Êxodo rural, envelhecimento e masculinização no Brasil: panorama dos últimos cinquenta anos. **Revista Brasileira de Estudos de População**, Brasília, v. 15, n. 2, p. 45–66, 1998.
- COPETTI, A. C. C. **Resíduos de agroindústrias familiares**: impactos na qualidade da água e tratamento com técnicas simplificadas. 2010. 139 f. Dissertação (Mestrado em Ciência do Solo) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, 2010.
- DELGADO, G. **Do capital financeiro na agricultura à economia do agronegócio**: mudanças cíclicas em meio século 1965-2012. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2012.
- FARSUL. **Relatório econômico 2024**. Porto Alegre: FARSUL, 2024. Disponível em: https://farsul.org.br/files/ef35f45d62d323d4866d4db0acea1f8a/midia_document/20241216/RelatA-rio-EconA-mico-2024-WEB.pdf. Acesso em: 21 jul. 2025.
- FROEHLICH, J. M., RAUBER, C. da C.; CARPES, R. H.; TOEBE, M. Êxodo seletivo, masculinização e envelhecimento da população rural na região central do RS. **Ciência Rural**, Santa Maria, v.41, nº 9, p. 1674-1680, 2011.
- GAZOLLA, M.; SCHNEIDER, S. **Cadeias curtas e redes agroalimentares alternativas: negócios e mercados da agricultura familiar**. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2017.

GRISA, C.; SABOURIN, E.; ELOY, L.; MALUF, R. S. **Sistemas alimentares e territórios no Brasil**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2022.

GUIMARÃES, G. M. **Racionalidades identitárias na produção e comercialização de alimentos coloniais na Quarta Colônia-RS**. 2011. 206 f. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Rural) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2011.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo demográfico 2022**: resultados preliminares da população. Rio de Janeiro: IBGE, 2022. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br>. Acesso em: 22 fev. 2026.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Produção agrícola municipal**: 2024. Rio de Janeiro: IBGE, 2024a. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br>. Acesso em: 22 fev. 2026.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Produção agrícola municipal**: crescimento da produção, 2000-2024. Rio de Janeiro: IBGE, 2024b. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br>. Acesso em: 22 fev. 2026.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Produção agrícola municipal**: fumo na Quarta Colônia, 2000-2024. Rio de Janeiro: IBGE, 2024c. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br>. Acesso em: 22 fev. 2026.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Produto Interno Bruto (PIB) da Quarta Colônia**: 2002, 2010, 2021. Rio de Janeiro: IBGE, 2023a.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Tabela 5938 – Produto Interno Bruto a preços correntes**. Rio de Janeiro: IBGE (2010). Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/5938>. Acesso em: 10 nov. 2025.

MAPBIOMAS. **Coleção 8 da Série Histórica de Dados de Uso e Cobertura da Terra do Brasil**. [S. l.]: MapBiomas, 2022. Disponível em: <https://brasil.mapbiomas.org/>. Acesso em: 21 jul. 2025.

NEUMAN, P. S.; SOUZA, R. S. (coord.). **Diagnóstico e cadastro das Unidades de Produção de Hortigranjeiros e de Produtos Coloniais da Microrregião da Quarta Colônia e estudo regional de mercado na Região Central do Estado**: relatório final de pesquisa. Porto Alegre: FAPERGS, 2006.

PEDRON, F. A.; POELKING, E. L.; DALMOLIN, R. S. D.; AZEVEDO, A. C.; KLAMT, E. A aptidão de uso da terra como base para o planejamento dos recursos naturais no município de São João do Polêsine, RS. **Ciência Rural**, Santa Maria, v. 36, p. 105-112, 2006.

POMPEIA, C. Formação política do agronegócio. Rio de Janeiro: Elefante, 2021.

SCAPIN, B.; TROIAN, A. PRONAF e território: o crédito rural na agricultura familiar da Quarta Colônia/RS. **Desenvolvimento em Questão**, Ijuí, v. 21, n. 59, e13136, 2023. DOI: <http://dx.doi.org/10.21527/2237-6453.2023.59.13136>.

SECRETARIA DA AGRICULTURA, PECUÁRIA E IRRIGAÇÃO (SEAPDR). **Relação de Agroindústrias Inclusas no Programa Estadual de Agroindústria Familiar até 19 agosto de 2022**. Porto Alegre: SEAPDR, 2022. Disponível em: <https://www.agricultura.rs.gov.br/upload/arquivos/202208/24122733-relacao-agroindustrias-inclusas-ate-19-agosto-2022.pdf>. Acesso em: 9 abr. 2025.

SILVA-PÉREZ, R.; GONZÁLEZ-ROMERO, G. GIAHS as an instrument to articulate the landscape and territorialized agrifood systems—the example of La Axarquía (Malaga Province, Spain). **Land**, v. 11, n. 2, p. 310, 2022. DOI: <https://doi.org/10.3390/land11020310>.